

JOVENS PORTUGUESES, OPORTUNIDADES ECONÔMICAS E DESTINOS SOCIAIS: ESTUDO COMPARADO ACERCA DAS TRAJETÓRIAS DOS IRMÃOS SANTOS NO BRASIL (1800-1830)

André Luiz Moscaleski Cavazzani¹
Universidade Federal do Paraná

Sandro Aramis Richter Gomes²
Universidade Federal do Paraná

Recebido: 11/03/2016 Aprovado: 07/11/2016
--

Resumo: Neste artigo é empreendida a reconstituição dos percursos dos irmãos portugueses João e José dos Santos no Brasil, no período que compreende os anos de 1800 a 1830. O objetivo primordial da reconstituição de ambas as trajetórias é evidenciar a natureza das oportunidades econômicas conquistadas por jovens que não eram pertencentes à elite portuguesa, no Brasil oitocentista. Nesse quadro, são fundamentados dois argumentos. Primeiro, demonstra-se que a migração para o Brasil era uma alternativa aos jovens cujas famílias detinham modesta condição social em Portugal. O envolvimento na vida comercial de vilas litorâneas brasileiras era um destino comum a esses indivíduos. Segundo, aos portugueses que não emigravam, restava a alternativa de obter uma profissão por meio do estudo. Os seus pais mobilizavam-se para financiar esse estudo. Evidencia-se o caráter multifacetado das estratégias dos jovens para se distanciarem das circunstâncias sociais nas quais estavam imersos em Portugal.

Palavras-chave: Imigração; Jovens portugueses; Ocupações econômicas.

YOUNG PORTUGUESE, ECONOMIC OPPORTUNITIES AND SOCIAL DESTINATIONS:
COMPARATIVE STUDY ON THE TRAJECTORIES OF BROTHERS SANTOS IN BRAZIL (1800-
1830)

Abstract: This article is undertaken the reconstruction of the route of the Portuguese brothers João and José dos Santos in Brazil, between the years 1800-1830. The main purpose of reconstituting both paths is to show the nature of economic opportunities won by young they were outside the Portuguese social elite, in Brazil the early nineteenth-century. In this framework, it is founded two arguments. First, the migration to Brazil was an alternative to young people whose families held modest social conditions in Portugal. Involvement in trade of Brazilian coastal villages was a common destination for these young people. Second, the Portuguese who did not emigrate left the alternative of getting a job through the study. His parents mobilized to fund this study. Thus demonstrates the multifaceted nature of the strategies of Portuguese young people to distance themselves from the social circumstances in which they were immersed in Portugal.

Keywords: Immigration; Young Portuguese; Economic occupations.

¹ E-mail: andrexcava@hotmail.com.

² E-mail: argomes8@gmail.com.

Introdução

Neste artigo é desenvolvida uma investigação, em perspectiva comparada, acerca das trajetórias dos irmãos João Vieira dos Santos e José Batista dos Santos Moura no Brasil, em um período que abrange os anos de 1800 a 1830.³ Eles eram provenientes da cidade portuguesa do Porto. A presente investigação, portanto, consiste em uma abordagem sobre as estratégias e oportunidades sociais destes jovens portugueses que não estavam integrados a abastadas famílias, no Brasil das três primeiras décadas do século XIX. Trata-se, pois, de análise acerca dos percursos de dois irmãos que não pertenciam a uma elite de herdeiros de grandes cabedais.

A realização desse artigo é desenvolvida em duas etapas. Na primeira etapa é analisado o processo de inserção e afastamento de João Vieira dos Santos (1786-?) da vila de Paranaguá, localizada no litoral sul da Capitania de São Paulo. Presentemente, o aludido município pertence à jurisdição do Estado do Paraná, cuja criação ocorreu em 1853. Durante o século XIX, Paranaguá apresentava-se como uma sociedade na qual existiam exíguas possibilidades de mobilidade dos membros dos estratos mais inferiorizados na hierarquia social.⁴

Nesse quadro, o estudo acerca do percurso de João dos Santos na referida localidade corresponde a um exemplo possível de oportunidade e revés social enfrentado no contexto do litoral sul da Capitania de São Paulo, nas três primeiras décadas do século XIX. Ao longo do estudo sobre a trajetória de João dos Santos são fundamentos quatro argumentos.

Primeiro, demonstra-se que o treinamento na vida mercantil consistiu na primeira etapa da inserção de João dos Santos na vila de Paranaguá. Os resultados desta etapa da análise coadunam-se com os resultados dos estudos que evidenciam a existência de análogos processos de inserção social de imigrantes portugueses no Brasil do fim do século XVIII e início do século XIX. Esses processos consistiam na

³ João Vieira dos Santos era filho de Jerônimo Vieira dos Santos e Ana Joaquina Pereira. Após o falecimento de Ana Joaquina, Jerônimo Vieira contraiu matrimônio com Leonarda Batista dos Santos Moura. Dentre os filhos concebidos por este casal estava José Batista dos Santos Moura. VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. **Breve resumo das memórias mais notáveis acontecidas de 1797 até 1827**, manuscrito, p. 73.

⁴ LEANDRO, José Augusto. **Gentes do grande mar redondo: riqueza e pobreza na Comarca de Paranaguá (1850-1888)**. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. p. 150.

obtenção de treinamento na vida mercantil por um compatriótico e na oportunidade de integrar os esquemas matrimoniais geridos por membros (não raro portugueses) de elites locais.

Nesse quadro, compete salientar que o caso de João dos Santos apresenta-se como evidência de que os compatrióticos, no mencionado contexto, empregavam o jovem imigrante como caixeiro ou articulavam para que um comerciante já estabelecido concedesse a oportunidade para o recém-chegado português ser acolhido em sua casa como aprendiz no ofício de caixeiro.

Segundo, é evidenciado que o auxílio de compatriotas e familiares foi decisivo para que o jovem imigrante João dos Santos conseguisse se tornar um negociante autônomo. A obtenção dessa condição significou o encerramento de uma época na qual ele, o jovem imigrante, permanecera em posição de subalternidade em relação ao comerciante que o iniciara na vida mercantil.

Terceiro, destaca-se que o casamento com a integrante de família de comerciantes locais foi operacional para João dos Santos consolidar o pertencimento à vila, do litoral sul paulista, onde se arraigou. A conquista da condição de chefe de família e de comerciante autônomo foi o limite das oportunidades sociais de João dos Santos. Outra oportunidade por ele conquistada foi o exercício de um cargo na administração municipal. Comumente, a conquista desses cargos tornava-se possível após o imigrante alcançar a condição de comerciante autônomo.

Quarto, é demonstrado que João dos Santos, desde o princípio de sua inserção no Brasil, estabeleceu laços de dependência econômica para com membros de elites locais. Essa dependência consistia na contínua obtenção de empréstimos. Naquele contexto, a dependência por empréstimos era irreversível. Assim, demonstra-se que a saída de João dos Santos de Paranaguá foi decorrente do aprofundamento desses laços de dependência. Em suma, a análise do caso de João dos Santos permite exemplificar a natureza dos constrangimentos econômicos que também podem ter sido inerentes aos percursos de jovens portugueses arraigados em Paranaguá.

Na segunda etapa do artigo é elaborada a reconstituição do percurso de José dos Santos (1796-?). Esse indivíduo estudara cirurgia. No exercício desse ofício,

realizou seis viagens ao Brasil. Nesse âmbito, se busca formular dois argumentos. Primeiro, quando podia o patriarca da família Vieira dos Santos investia na formação educacional de seus filhos. Essa formação aumentava as chances para o exercício estável de uma profissão pelos seus descendentes. Nesse quadro, cabe destacar que o patriarca da família Vieira dos Santos, que investiu na formação de seus filhos, exerceu diversas ocupações econômicas. Ou seja, ao contrário dos filhos ele não chegou a alcançar a prerrogativa de desempenhar de forma estável um ofício.

O segundo argumento diz respeito ao fato de que José dos Santos, na qualidade de cirurgião, realizou contínuas viagens à Capitania da Bahia, onde recebeu convite para ali se fixar. Nesse âmbito, demonstra-se que a obtenção da formação de cirurgião garantiu àquele indivíduo distintas oportunidades econômicas. Além disso, percebe-se que as oportunidades derivadas da condição de cirurgião foram ambicionadas por outros membros da família Vieira dos Santos.

Assim, em um período no qual José dos Santos já se consolidara como profissional da cirurgia, outro membro de sua parentela recebeu auxílio familiar para formar-se cirurgião.

Em suma, compete destacar que o caso da família Vieira dos Santos é um indício de que as parentelas que não pertenciam à elite social portuguesa encaravam a formação educacional como operacional para que os seus membros conquistassem uma estabilidade econômica. Para tanto, despendiam seus recursos para que tais membros obtivessem essa formação.

A fonte empregada na execução deste artigo é intitulada *Memórias dos sucessos mais notáveis acontecidos desde o ano de 1838*, cuja redação foi concluída em 1851.⁵ Esse texto foi redigido pelo comerciante Antônio Vieira dos Santos (1784-1854), irmão dos aludidos portugueses.⁶ Nesse volume, encontram-se duas

⁵ O original manuscrito dessa obra está sob a guarda do Círculo de Estudos Bandeirantes (Curitiba, Rua XV de Novembro, 1050). Nessa instituição está preservado outro livro de Antônio dos Santos, a saber, o **Breve resumo das memórias mais notáveis acontecidas de 1827 até 1827**. Os textos de caráter autobiográfico de Antônio dos Santos, bem como os textos nos quais esse imigrante discorre sobre os percursos sociais de seus familiares estão reunidos no seguinte livro: CAVAZZANI, André Luís Moscaleski; GOMES, Sandro Aramis Richter. **Antônio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

⁶ Antônio Vieira dos Santos transferiu-se para o Brasil em 1797. Residiu na vila de Paranaguá, onde atuou como comerciante varejista. Em Paranaguá, Antônio dos Santos ocupou a função de

modalidades de textos. De um lado, há o relato autobiográfico produzido por Antônio Vieira dos Santos. Esse relato consiste, portanto, na concatenação de reminiscências sobre episódios ocorridos nas décadas de 1830, 1840 e 1850.

De outro lado, há textos que consistem em lacônicas biografias acerca de familiares de Antônio dos Santos. Assim, as informações analisadas neste estudo foram extraídas dessas pequenas biografias. O autor produziu essas sucintas biografias por meio da rememoração de suas relações com os biografados. Ao mesmo tempo, ele elaborou esses textos a partir da consulta a informações presentes na correspondência que manteve com os seus familiares. Em benefício da legibilidade da fonte, a ortografia dos excertos da *Memória dos sucessos* aqui transcritos foi atualizada de acordo com as normas contemporâneas.

Treinamento na vida mercantil, atuação administrativa e dependência econômica: o percurso de José dos Santos dos Santos na vila de Paranaguá

A historiografia tem se ocupado da reconstituição dos processos de incorporação de portugueses à vida econômica de municípios brasileiros na primeira metade do século XIX. Nesse âmbito, não raro, o exercício da função de caixeiro de compatriotas era a primeira etapa da fixação do jovem imigrante no Brasil.⁷

De outra parte, os estudos históricos têm demonstrado que o processo de absorção de imigrantes portugueses no Brasil não era peculiar somente a praças mercantis de maior porte, como o Rio de Janeiro. Antes, as vilas litorâneas como Paranaguá também eram um dos destinos de jovens portugueses. Nessas

Procurador da Câmara Municipal. Em 1814, migrou para uma localidade adjacente àquela vila. Tal localidade era a freguesia de Morretes, que à época pertencia à jurisdição da vila de Antonina. Em Morretes, Antônio Vieira dos Santos atuou como negociante de erva-mate e exerceu cargos administrativos, tais como o posto de Juiz de Paz. Dessa maneira, autor dos textos empregados como fontes ao longo deste artigo consolidara-se como membro de elites locais. Essa consolidação principiou pela atuação como caixeiro de um negociante português – Francisco Ferreira de Oliveira – e foi desenvolvido por meio do seu casamento com a sobrinha de seu antigo patrão. Ver COSTA, Samuel Guimarães da. **O último capitão-mor (1782-1857)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1988. p. 11. Desse modo, compete evidenciar ao longo deste artigo que os processos de integração e mobilidade social dos jovens portugueses no começo do século XIX, em áreas litorâneas do Brasil Meridional, eram análogos.

⁷ GORENSTEIN, Riva; MARTINHO, Lenira. **Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, 1993. p. 37.

localidades, antigos comerciantes portugueses acolhiam seus compatriotas e os iniciavam na vida mercantil ao conceder-lhes o emprego de caixeiro.⁸

Nesse contexto, as relações mantidas pelos jovens portugueses com patrícios há tempos fixados no Brasil estendiam-se ao âmbito familiar. A concessão, pelo patrão português, da faculdade do jovem imigrante casar-se com um de suas filhas ou sobrinhas era crucial para consolidar o enraizamento desse jovem em uma vila colonial.⁹ No curso deste artigo, será demonstrado que as alianças familiares foram decisivas para que João dos Santos obtivesse oportunidades econômicas no Brasil.

O estudo sobre o percurso de João dos Santos permite avançar na compreensão sobre os fatores que geravam adversidades para a permanência na vida comercial. Nesse sentido, cabe salientar que um dos anseios de imigrantes como Antônio e João dos Santos era alcançar a condição de comerciante autônomo. Porém, para conservar-se nessa condição eles precisavam contrair empréstimos. Por consequência, esses empréstimos eram responsáveis por situar os jovens comerciantes em posição de sujeição econômica para com membros das elites sociais das vilas brasileiras.

O agravamento da dependência econômica poderia gerar episódios como a mudança de cidade pelo devedor. Tal situação foi marcante na trajetória de João dos Santos. O intuito básico dessa etapa do estudo é salientar as evidências acerca dos impactos dos processos de falência comercial e desenraizamento social vivenciados por um jovem português que pertenceu ao rol de imigrantes estabelecidos no Brasil Meridional no início do século XIX.

A primeira etapa do estudo sobre João dos Santos consiste na reconstituição de sua admissão como caixeiro em Paranaguá. Cabe salientar que a migração de João dos Santos representou o seu distanciamento de uma família cujo patriarca teve trajetória marcada por contínuas mudanças de ofício. Jerônimo Vieira dos Santos desempenhou, na juventude, um ofício artesanal – lavrante de prata. Porém,

⁸ CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski. **Tendo o sol por testemunha: população portuguesa na Baía de Paranaguá (c. 1750-1830)**. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p.21.

⁹ BOXER, Charles. **A Idade do Ouro do Brasil: dores do crescimento de uma sociedade colonial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 40.

ele jamais se tornou proprietário de uma oficina. Em seguida, dedicou-se a ocupações urbanas, tais como fiel de forno de bolacha, guarda da Alfândega da cidade do Porto e proprietário de armazém de vinhos.¹⁰ Para atestar as limitações econômicas desse indivíduo, compete destacar que Jerônimo Vieira jamais foi proprietário de imóvel. Antes, ele realizou, no começo do século XIX, contínuas mudanças de residência.¹¹

Por outro lado, cabe salientar as dificuldades que precediam a incorporação de um jovem português na vida comercial do Brasil do fim do período colonial. Assim, em março de 1800, na idade de 14 anos, João dos Santos chegou ao Rio de Janeiro. Nessa cidade, ele foi acolhido por Francisco de Oliveira Guimarães. Entretanto, não conquistou uma ocupação profissional. Ao descrever o princípio da vivência de João dos Santos no Brasil, Antônio dos Santos informou:

Em 19 de Março de 1800 saiu meu Mano João Vieira dos Santos pela barra fora da Cidade do Porto no Navio chamado a Flor do Douro casco Francês e com 71 ou 72 dias de viagem chegarão a Cidade do Rio de Janeiro entrando na mesma em 28 ou 29 de Maio e foi para casa do Capitão Fernando de Oliveira Guimarães na rua dos Pescadores onde estive 6 meses sem ter arrumação ate 28 de novembro do mesmo ano.¹²

O próprio Antônio dos Santos, que residira no Rio de Janeiro entre 1797 e 1798, não conseguiu uma ocupação nessa cidade.¹³ Diante desse insucesso, restou àquele imigrante se transferir para a vila de Paranaguá, onde seu irmão Antônio estava domiciliado desde 1798. No excerto transcrito a seguir, verifica-se que João dos Santos, ao chegar a Paranaguá, foi acolhido pelo negociante português Francisco Ferreira de Oliveira, que tivera Antônio dos Santos entre os seus caixeiros. Dessa maneira, as informações mencionadas na sequência evidenciam a importância do apoio conferido por antigos comerciantes portugueses para que o jovem imigrante conseguisse a oportunidade de ser iniciado na prática do comércio.

¹⁰ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 95-96.

¹¹ Ibidem. p. 98.

¹² Ibidem. p. 129.

¹³ Ibidem. p. 2.

Em suma, por meio do auxílio de Francisco Oliveira tornou-se possível a João dos Santos ser admitido como caixeiro de outro comerciante radicado naquela vila, no fim do ano de 1800:

Em 28 de 9^{bro} se embarcou na Sumaca Francesinha em companhia do Tenente João Antônio da Costa para a Vila de Paranaguá e trouxeram 9 ou 11 dias entrando no dia 5 ou 8 de Dezembro de 1800 e esteve em minha Companhia em casa do Capitão Francisco Ferreira de Oliveira na rua do Colégio 4 ou 6 dias ate 10 ou 13 de Dezembro em que foi para Caixeiro do Capitão Ricardo de Sousa Pinto Casa Nº 19 ou 21 onde esteve 4 anos e 2 meses ate 10 de Fevereiro de 1805.¹⁴

O afastamento de João dos Santos da condição de caixeiro de Ricardo de Souza Pinto foi decorrente do fato de que Antônio dos Santos, no princípio de 1805, tornou-se um comerciante autônomo. Nesse sentido, ele, Antônio dos Santos, deixara a casa de Francisco Oliveira, contraíra matrimônio com uma sobrinha de seu antigo patrão e instalara em Paranaguá um armazém de secos e molhados. Antônio dos Santos reconstituiu o episódio no qual inaugurou um armazém e incorporou o irmão ao seu domicílio, de maneira a retirá-lo da posição de empregado de Ricardo Souza. A leitura do excerto referente a essa reconstituição evidencia a dominação exercida pelos patrões sobre os seus caixeiros. Nesse contexto, os caixeiros encaravam seus patrões como *amos*.

Atente-se, portanto, à seguinte reminiscência de Antônio dos Santos. Tal reminiscência diz respeito à mudança na condição social e econômica experimentada por Antônio dos Santos e seu irmão João dos Santos.

Em 10 de Fevereiro de 1805 Domingo veio meu Mano João Vieira dos Santos para minha companhia de que lhe dei interesse no meu Armazém tendo para isso falado com seu Amo o Capitão Ricardo de Souza Pinto para ele sair de sua Casa. Em 15 de Fevereiro de 1805 Sexta feira fiquei desde este dia em diante Senhor Absoluto de mim.¹⁵

Em síntese, a passagem de Antônio dos Santos para a posição de comerciante representou a sua libertação e a de seu irmão da tutela de antigos comerciantes de Paranaguá. Nesse quadro, o encerramento da subalternidade do jovem imigrante em relação a um patrão e compatriótico era o momento no qual ele,

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem. p. 2.

o jovem imigrante, passava a conquistar oportunidades tais como o envolvimento na vida política municipal.¹⁶ Entretanto, o estudo do caso de João dos Santos consiste em uma evidência de que a manutenção de vínculos sociais com as elites municipais era fragilizada ou mesmo extinta em virtude da impossibilidade do cumprimento de obrigações econômicas.

Nessa oportunidade, os irmãos Antônio e João dos Santos tornaram-se sócios. Nas trajetórias desses comerciantes portugueses, a obtenção da condição de comerciante autônomo ocorreu poucos meses após o estabelecimento de um matrimônio. Os casamentos dos irmãos Vieira dos Santos ocorreram quando estavam na faixa dos 20 anos de idade. Antônio dos Santos inaugurou seu armazém dois meses após casar-se com Maria Ferreira de Oliveira. João dos Santos, por sua vez, instalou sua loja em Paranaguá em agosto de 1807, quatro meses após passar à condição de casado. A esse respeito, Antônio dos Santos mencionou:

Em 23 de Abril de 1807 Quinta feira de madrugada se casou meu Mano na Igreja Matriz de Paranaguá com Joaquina Maria Ferreira [...]. Em 22 de Agosto de 1807 abriu meu Mano João a sua loja de fazenda seca numa Travessa do Colégio para a Matriz casa N^o = 9 ou 10.¹⁷

Uma evidência da integração de João dos Santos junto à elite social e política da vila de Paranaguá é a sua eleição para um cargo na administração municipal. Ele

¹⁶ O irmão de João dos Santos, Antônio Vieira dos Santos, também exerceu cargos administrativos em Paranaguá a partir do momento em que se tornou um comerciante autônomo. Dedicar atenção aos cargos ocupados por Antônio dos Santos em Paranaguá, nos anos 1800, permite corroborar um argumento capital deste artigo. Tal argumento diz respeito ao fato de que o exercício rotineiro de funções na administração municipal era uma etapa do princípio da integração de jovens portugueses às elites sociais das vilas do Brasil colonial. Nessa época, um indício da mobilidade ascendente dos imigrantes portugueses era a obtenção de patentes na Companhia de Milícias. Dessa forma, compete atentar à seguinte passagem do primeiro volume da obra memorialística de Antônio Vieira dos Santos. Essa passagem comporta a enumeração dos cargos públicos e das patentes milicianas que ele obteve naquele contexto: “Em 6 de Dezembro de 1805 Sesta feira fui para os Morretes a fim de jurar me de Procurador da Vila de Paranaguá e empenhar me para assentar praça voluntario no Regimento de Milícias. [...] Em 26 de Dezembro de 1805 sentei praça de Soldado na 1^a. Companhia de Milícias de que era Capitão Thomas de Sousa e Silva e se pode ver no livro Mestre a f. 23 [...]. Em 8 de Outubro de 1806 passei de Soldado da 1^a. Companhia ao posto de 1^o Sargento de que era Capitão Antônio Ferr^a de Oliveira. [...] Em 22 de Abril de 1810 saí eleito a votos do povo para Procurador da Câmara mas fui livre em 23 de Abril pelo Ouvidor Antônio Ribeiro de Carvalho. [...] Em 10 de Maio de 1810 Quinta Feira foi passada na Cidade de São Paulo a minha patente de Alferes pelo General Antônio José de França e Horta” VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 6-13.

¹⁷ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. **Memórias dos Sucessos mais notáveis acontecidos desde o ano de 1838**. manuscrito, p. 129.

atuou como Procurador da Câmara de Paranaguá durante o ano de 1811.¹⁸ O ocupante desse cargo, que era eleito anualmente, era o responsável por gerir as rendas municipais e receber as demandas dos munícipes. Aos Procuradores competia, por exemplo, a tarefa de providenciar reparos e consertos de bens públicos, como chafarizes e pontes. Ao mesmo tempo, ele também estava incumbido de administrar as rendas municipais caso não existisse no município o cargo de Tesoureiro da Câmara.¹⁹

A atuação administrativa de João dos Santos foi lacônica. O agravamento de suas dificuldades econômicas tornou-o um devedor, por exemplo, da própria municipalidade de Paranaguá. Trata-se de demonstrar, pois, que a existência dessas dificuldades inviabilizou a consolidação de suas alianças políticas e econômicas com os indivíduos que controlavam localmente o comércio e as instituições administrativas.

Compete salientar, pois, que o endividamento era suficiente para solapar a legitimidade do jovem imigrante continuar envolvido no círculo social composto pelos integrantes da elite local. Diante do agravamento das obrigações econômicas, restava ao imigrante abandonar a sociedade na qual fora acolhido por seus patrícios.

A saída de João dos Santos de vila de Paranaguá e as tentativas de reabilitação como comerciante no Rio Grande do Sul: implicações sociais do endividamento

Desenvolve-se, na presente seção, o último estágio da análise sobre o percurso de João dos Santos no Brasil. Nesse quadro, cabe destacar que a vivência de adversidades econômicas não foi característica apenas à trajetória de João dos Santos. O seu irmão Antônio Vieira dos Santos, em 1813, experimentou a falência do seu armazém. Essa falência levou-o a estabelecer na vila de Curitiba, no primeiro planalto do atual Estado do Paraná. No ano seguinte, fixou-se na freguesia de Morretes, no litoral paranaense, onde faleceu. Antônio Vieira dos Santos manteve-se endividado com os principais negociantes de Paranaguá até a década

¹⁸ *Ibidem*. p. 130.

¹⁹ SALGADO, Graça (Coord.). **Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 133-134.

de 1850.²⁰ Em síntese, ele atravessou a primeira década do século XIX a contrair e renegociar dívidas com os seus compatriotas. Ambos os irmãos, portanto, pertenceram à categoria de imigrantes que permaneceram economicamente dependentes de seus compatriotas.²¹

Há, porém, expressiva diferença entre os casos de endividamento de Antônio e João dos Santos. O primeiro alcançou a faculdade de renegociar as dívidas, ainda que essa negociação tenha implicado a impossibilidade de ele libertar-se da condição de credor dos seus patrícios. João dos Santos, contudo, não obteve tal oportunidade. Os episódios atinentes à saída desse português da sociedade de Paranaguá evidenciam que para ele o endividamento foi um elemento crucial a determinar o fim de suas oportunidades sociais e econômicas. O endividamento, em última instância, ocasionou a desvinculação de João dos Santos do grupo que comandava a administração e a vida econômica de Paranaguá.

Por meio da leitura do texto que Antônio Vieira dos Santos redigiu sobre o percurso de seu irmão João em Paranaguá, compete mencionar que as dificuldades econômicas desse imigrante se tornaram irreversíveis no princípio de 1812. Nessa ocasião, esse imigrante foi impelido a vender a sua residência e uma escrava: “Em 23 de Janeiro de 1812 soube que meu Irmão vendeu a sua casa repentinamente ao Capitão Ignácio Lustosa de Andrade e a negra ao Tenente Antônio Gonçalves Rocha”.²²

Concernente a eventos que ocorreram com seus familiares no decorrer de janeiro de 1812, Antônio Vieira dos Santos informou: “Em 20 de Janeiro de 1812 Segunda feira soube as novidades a respeito a meu Mano João estar quebrado”.²³ O próprio Antônio dos Santos, em suas reminiscências, destacou que as dívidas de João dos Santos para com a Câmara de Paranaguá motivaram o confisco de seus bens, no referido ano: “Em 25 de Janeiro Sábado – 26 Domingo – 27 Segunda fez a

²⁰ VIEIRA DOS SANTOS. Antônio. Op. Cit., p. 228.

²¹ Acerca das dívidas e do processo de falência do armazém de Antônio Vieira dos Santos, ver GOMES, Sandro Aramis Richter. **Descentralização e pragmatismo: condições sociais de produção das memórias históricas de Antônio Vieira dos Santos (Morretes e Paranaguá, décadas de 1840-1850)**. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

²² Ibidem. p. 130.

²³ Ibidem. p. 15.

Justiça da mesma Vila Sequestro nos bens de meu Irmão por ele se achar devendo certo para a Câmara”.²⁴

Em virtude da falência e da decisão de João dos Santos de sair de Paranaguá, Antônio Vieira dos Santos teve de incorporar ao seu domicílio a esposa de seu irmão. Tal episódio ocorreu em setembro de 1812: “Fui citado por mandado do Capitão Ignácio Lustosa de Andrade para entregar as chaves das Casas de meu Mano João e no dia Quinta feira 10 se mudou minha cunhada Joaquina Maria Ferreira para minha casa”.²⁵ Ao mesmo tempo, Antônio Vieira dos Santos também adquiriu, em leilão, duas escravas que pertenceram seu irmão: “Em 6 de Fevereiro [de 1812] Quarta de tarde houve praça dos bens de meu Irmão e arrematei a escrava Luiza com a filha Anna”.²⁶

No início do século XIX, nas sociedades litorâneas do atual Estado do Paraná, o mercado de crédito era controlado por imigrantes portugueses, tais como Manoel Antônio Pereira (1782-1857) e Manoel Francisco Correia (1776-1864). Eles possuíam, assim, séquitos de dependentes em virtude da concessão de empréstimos. O irmão de João dos Santos, o citado Antônio Vieira dos Santos, era um integrante desse séquito.

De outra parte, cabe mencionar que outros portugueses que se fixaram no litoral do atual Paraná (especialmente Paranaguá e Morretes) após os anos 1830 também se tornaram dependentes dos créditos concedidos por seus compatriotas, notadamente Manoel Correia e Manoel Pereira.²⁷ Esses últimos indivíduos

²⁴ Idem

²⁵ Ibidem. p. 16.

²⁶ Ibidem. p. 130.

²⁷ O português José Lopes Ferreira (1797-1836) era genro de Antônio Vieira dos Santos. Nos anos 1820, fixou-se na freguesia de Morretes. Para o desenvolvimento de suas atividades como comerciante, ele contraiu dívidas com Manoel Francisco Correia. Assim, atentar a um episódio dessa contratação de dívidas permite evidenciar que, na primeira metade do século XIX, em Paranaguá e nos municípios adjacentes, os pequenos comerciantes portugueses, a exemplo de João dos Santos, eram sobremaneira dependentes do crédito concedido por seus compatriotas. Acerca da atuação de José Lopes como comerciante em 1834, o sogro Antônio Vieira dos Santos informou: “Em 9 de Dezembro Terça feira perto das 8 horas da noite chegou a minha Casa meu genro Lopes cuja chegada causou bastante alegria a nossa família. Em 14 de Dezembro Domingo foi o Lopes a Vila de Paranaguá para reformar as letras (tanto a minha quanto a dele) que se tinham passado ao Tenente Coronel Manoel Francisco Correia”. Cf: Ibidem. p. 436.

possuíam conexões com indivíduos que concediam créditos na praça mercantil do Rio de Janeiro, a exemplo de José Francisco de Mesquita.²⁸

No período colonial, portanto, o funcionamento do mercado de crédito no Brasil engendrou o estabelecimento de relações econômicas entre habitantes de distintas capitanias.²⁹ As cadeias de *adiantamento* e *endividamento* eram elementos centrais da vida econômica brasileira naquele contexto, em decorrência da carência de moedas. Essas cadeias consolidavam, pois, as relações entre negociantes de diferentes áreas do Brasil.³⁰

Em síntese, o endividamento de João dos Santos inscreve-se em um contexto no qual restava aos pequenos comerciantes varejistas, no extremo sul da Capitania de São Paulo, seguir dois caminhos. Um caminho era permanecer durante décadas como membro do séquito de devedores de abastados compatriotas. Outro caminho era buscar reabilitar-se como comerciante em outra sociedade. Assim, o controle do mercado de crédito, realizado por negociantes portugueses, consistia em uma forma destes abastados negociantes, dominarem social e economicamente os pequenos comerciantes, muitos deles seus compatriotas.

Nesse quadro, uma consequência da falência de João dos Santos foi a sua definitiva separação da esposa e filho. Joaquina Maria, por sua vez, estabeleceu nova relação afetiva, com o professor de primeiras letras Luís Vicente Farias da Fonseca. Dessa relação nasceu um filho, em 1817.³¹ Outra implicação da falência e saída de João dos Santos foi Antônio Vieira dos Santos tornar-se responsável pela inserção de seu sobrinho Antônio na prática comercial. Em 1826, Antônio Vieira dos Santos conseguiu para seu sobrinho um emprego de caixeiro na então

²⁸ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 19.

²⁹ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; BORGES, Joacir Navarro. Tudo consiste em dívidas, em créditos e em contas: relações de crédito no Brasil colônia; Curitiba na primeira metade do século XVIII. **Revista de História**, São Paulo, n. 162, p. 105-129, 2010. p. 106.

³⁰ FLORENTINO, Manolo; FRAGOSO, João. **O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 89-100.

³¹ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 139.

freguesia de Morretes, que dista cerca de trinta quilômetros do município de Paranaguá.³²

Tal informação evidencia, pois, a reiteração de uma situação na qual a atuação como caixeiro era o limite oportunidade dos jovens portugueses – e de seus descendentes – que não pertenciam a uma elite de herdeiros. Contudo, os indivíduos que não compunham essa elite dispunham do apoio familiar para obter uma formação educacional, bem como para conquista um treinamento na vida mercantil. O apoio familiar para a formação educacional exigia o dispêndio de recursos pecuniários. Por outro lado, a inserção do jovem na atividade de caixeiro requeria a mobilização, pelos seus familiares, de contatos que mantinham com os comerciantes que participavam de uma dinâmica de recrutamento de aprendizes da lide comercial.

Em setembro de 1812, enfim, João dos Santos decidiu mudar-se para o Rio Grande do Sul. As informações apresentadas por Antônio Vieira dos Santos acerca do processo de estabelecimento daquele português no Rio Grande evidenciam que, para retomar sua atividade comercial, ele teve de tornar-se empregado de outro comerciante. Em síntese, João dos Santos, no início de sua vivência naquela capitania, voltou a exercer a ocupação de caixeiro.

Por meio da análise das informações presentes nas *Memórias dos sucessos*, nota-se o retrocesso na vida econômica e social de João dos Santos. Esse retrocesso era decorrente do fato de que ele teve de passar, no Rio Grande, aos 26 anos de idade, por situações que vivenciara aos 13 anos no Rio de Janeiro e em Paranaguá. Uma dessas situações era a dificuldade de encontrar ocupação. A outra situação era empregar-se como caixeiro. A respeito dessas dificuldades, Antônio Vieira dos Santos apresentou as seguintes considerações:

Em 21 ou 24 de Outubro de 1812 entrou meu Mano João na barra do Rio Grande com 21 a 24 dias de viagem e foi morar na Vila do Norte em casa de José Lisandro da S^a onde esteve 6 meses ate o de Abril de 1813 sem ter arrumação; porem por Carta de 6 de Janeiro de 1813 se vê ele estava ocupando a ser guarda da Alfandega onde esteve 3 meses ate Março acontecendo-lhe um cacho (sic.) na Sumaca Tarmelão obrigando-o largar desta ocupação passando-se depois para a Vila do Sul onde esteve

³² Ibidem. p. 58.

de Caixeiro de uma loja de botões de João Alexandre Rosa somente 20 dias ganhando a meia dobra por cada mês. Dali passou para a Freguesia do Espírito Santo no Serrito da Lagoa do Jaguarão onde foi para Caixeiro de hum Armazém de molhados de Francisco do Canto o qual era interessado com Antônio Ferreira de Araújo de Piratini ganhando 10 doblas por ano em que esteve só 10 meses desde fins de Abril de 1813 ate Fevereiro de 1814, mas por que ficou alcançado saiu do mesmo Armazém indo para Caixeiro para a Charqueada do Capitão José Ferreira de Araújo interessado com outro Irmão Antônio Corr^a de Araújo no rio de Piratini ganhando por ano 10 doblas para pagar o alcance que teve com o Francisco do Canto; esteve na Charqueada desde Março de 1814 até Setembro de 1815 na qual se achava a 22 meses o q' não pode ser e só sim foram 19 = meses.³³

No Rio Grande, ao que parece, João dos Santos conseguiu libertar-se da condição de caixeiro. Ele aventou, inicialmente, produzir trigo: “Em Junho ate Agosto de 1815 esteve meu Mano com o projeto de plantar Trigos no Rio Grande querendo que sua mulher fosse para a sua companhia segundo a Carta de 28 de Junho”.³⁴ Contudo, o estudo dos escritos de Antônio Vieira dos Santos que integram as *Memórias dos sucessos* revela que esse plano malogrou. João dos Santos, em última análise, tornou-se um intermediário na venda de mercadorias por atacado. Eram muito diversificados os itens de cuja venda ele se ocupava. Entre esses itens estavam escravos, cavalos e bois. Ou seja, João dos Santos era um negociante de mercadorias semoventes.

Na redação da biografia de João dos Santos, Antônio Vieira dos Santos apresentou informações acerca de um contrato para a venda de mercadorias semoventes que aquele indivíduo estabeleceu com um negociante do Rio Grande do Sul. A análise dessa informação permite, assim, reconhecer o caráter multifacetado das mercadorias que ele comercializava. Em síntese, a informação reproduzida a seguir permite salientar que, no ano de 1815, João dos Santos estava consolidado como um agente que intermediava a compra e venda de distintas mercadorias semoventes. A esse respeito, Antônio Vieira dos Santos observou:

Em 28 de Setembro [de 1815] disse meu Mano que o Coronel Simão Soares da Silva lhe oferecera para lhe vender 2 léguas de Campo 4 Escravos 100 Cavalos 25 Juntas de Bois e 2 mil rezes tudo por 25 mil cruzados a pagamento de que trazia uma lembrança desta maneira

³³ Ibidem. p. 131-132.

³⁴ Ibidem. p. 132.

=Ajustei 2 léguas de Campo com o Ilmo Sr. Coronel Simão Soares em o dia 28 de Setembro de 1815 cujo ajuste ficou tratado de eu resolver-me ate o prazo de 4 m. sem falta; testemunhas Belchior Gomes Comandante da Freguesia de S. Lourenço e o Sargento Mor João Cardozo de Gusmão, e eu prometi de estar lá neste tempo sem falta alguma = São Lourenço 28 de Setembro de 1815.³⁵

Por outro lado, João dos Santos tornou-se um comerciante de produtos por atacado. Após a sua saída de Paranaguá, ele manteve contatos com seu irmão Antônio Vieira dos Santos, de forma que este se envolveu nas negociações realizadas por João Vieira dos Santos. Em verdade, Antônio Vieira dos Santos, no ano de 1815, auxiliou João dos Santos a vender suas mercadorias, tais como roupas, em Paranaguá. Essa retomada da aliança econômica entre os irmãos Vieira dos Santos não prosperou. João dos Santos, naquele contexto, era considerado foragido pelas autoridades de Paranaguá. Portanto, quando circulou a informação de que ele se encontrava nessa vila, houve uma tentativa de prendê-lo.

O excerto transcrito a seguir faz referência a essa tentativa. Em um sentido amplo, esse exceto consiste em uma evidência de que as pendências econômicas e judiciais de João dos Santos eram obstáculos intransponíveis ao seu retorno à vila de Paranaguá. Em 1815, aos 29 anos de idade, João dos Santos já se enquadrava na condição de imigrante proscrito da sociedade de Paranaguá. Acerca das tratativas comerciais entre os irmãos Santos e das dificuldades para João dos Santos para desempenhar a sua atividade mercantil naquela sociedade, Antônio Vieira dos Santos destacou:

Em 26 de Novembro [de 1815] Domingo ou Sábado. = 25 = o Juiz de Fora da Vila de Paranaguá Luiz José Correia de Sá deu uma balroada em casa de minha Cunhada Joaquina em procura de meu Mano. Desde 26 ate 29 estive fazendo vários arranjos a respeito das Canastras de roupa e 40 arrobas de Sebo que meu Mano diz trazia do Rio Grande na Sumaca Bom Jardim.³⁶

Antônio Vieira dos Santos afirmou que interrompeu a sua correspondência com João dos Santos em 1817. Contudo, ele continuou a receber, por intermédio de terceiros, notícias desse irmão. Segundo Antônio Vieira dos Santos, no ano de

³⁵ Ibidem. p. 132-133.

³⁶ Ibidem. p. 133.

1830, aos 42 anos, João dos Santos residia em uma estância localizada na Província do Rio Grande do Sul.

Por meio das informações transcritas a seguir, nas quais também se encontra a menção a um assalto sofrido por João dos Santos na região litorânea de Camaquã, no Rio Grande do Sul, verifica-se que esse indivíduo estava em interação com estanceiros do interior da capitania. Tal excerto evidencia que aquele imigrante atuava no comércio por via marítima:

Em 30 de Maio de 1816 diz meu Mano João que o roubarão 600\$ mil réis na costa de Camaquã no Continente do Rio Grande e deu graças a Deus escapar com a vida por carta de 3 de Fevereiro de 1817. Em Janeiro ou Fevereiro de 1817 diz meu Mano que fora notificado por ordem do Tenente General Manoel Marques do Rio Grande para pegar em armas e marchar para a campanha contra a invasão dos Portenhos q' não tinha outro remédio se não ir; e desde as cartas que dele recebi de 3 de Fevereiro de 1817 nunca mais tive notícias dele. Em Maio de 1830 soube que meu Irmão era vivo e estava morando na Estancia de Manoel Caetano no arroio das Palmas.³⁷

O excerto supracitado evidencia, pois, a ligação de João dos Santos com o estancieiro Manoel Caetano. Mais precisamente, essa informação consiste em um indício de que aquele imigrante era um agregado em uma estância. Ao mesmo tempo, cabe destacar que, no início do século XIX, os estanceiros, que se dedicavam à criação de gado, não ocupavam o cume da hierarquia social da Capitania do Rio Grande do Sul. Em geral, o patrimônio desses indivíduos era formado por bens rurais e escravos. Havia pouca diversificação nos negócios dos estanceiros, ao contrário dos charqueadores.³⁸ No entanto, o excerto acima transcrito consiste em uma evidência de que os estanceiros possuíam entre o seu séquito de agregados pequenos comerciantes que atuavam como intermediários de compras de produtos por atacado.

De acordo com Antônio dos Santos, o seu irmão João dos Santos possuía relações comerciais com trinta e nove negociantes radicados em vilas do Rio

³⁷ Ibidem. p. 134.

³⁸ OSÓRIO, Helen. Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. p. 99-134.

Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XIX.³⁹ Em virtude do seu repentino afastamento da vila de Paranaguá, João dos Santos teve de reabilitar-se como comerciante. Após experimentar o retorno a uma condição profissional subalterna – a condição de caixeiro – ele logrou estabelecer-se no Rio Grande do Sul como um comerciante que intermediava a compra e venda de diferentes gêneros de mercadorias.

Constata-se que entre os indivíduos com os quais entreteve contatos comerciais estavam estancieiros e comerciantes varejistas. Em síntese, a estratégia daquele imigrante para retomar a sua atuação na vida comercial foi estabelecer relações tanto com os criadores de gado quanto com lojistas estabelecidos em áreas do interior do Rio Grande, tais como Cerro Largo, bem como em Porto Alegre, a capital da província.

Formação educacional, estabilidade profissional e o distanciamento do destino paterno: o caso de José Batista dos Santos Moura

Por meio do estudo do percurso de José dos Santos em Portugal e no Brasil, pode-se constatar que o investimento realizado por seus pais em sua formação educacional foi decisivo para que ele conquistasse oportunidades profissionais nos referidos países. Em um sentido específico, demonstra-se que a obtenção de habilitação de cirurgião tendeu a favorecer a conquista de rápidas oportunidades profissionais, especialmente no Brasil. Talvez a carência desses profissionais na colônia, notadamente em vilas interioranas, permitiu que José dos Santos tivesse os seus serviços demandados de forma constante no Brasil. A prestação desses serviços possibilitou a ele manter relações com membros de elites locais da colônia.

Dessa forma, no curso deste estágio do artigo fundamenta-se o argumento segundo o qual a conquista da habilitação de cirurgião possibilitou a José dos Santos distanciar-se do destino profissional de seu pai e de seus irmãos Antônio e João Vieira dos Santos. Nesse sentido, de modo diferente do caso de Jerônimo Vieira, o cirurgião José dos Santos alcançou a faculdade de exercer de forma estável uma ocupação profissional que, por sua vez, era também diversa da ocupação

³⁹ Ibidem. p. 180-181.

exercida por seus irmãos. Por fim, demonstra-se que a obtenção da referida habilitação passou a ser ambicionada ainda por outro membro da família Vieira dos Santos.

A historiografia tem destacado as carências de profissionais da medicina no Brasil de fins do período colonial. Essa carência gerava a reivindicação de médicos em vilas do interior das capitanias. Diante da falta de médicos, barbeiros e cirurgiões atendiam a população naquelas regiões.⁴⁰ A elaboração de projetos, pelas autoridades portuguesas, para a criação de aulas de cirurgia no Brasil ocorreu, notadamente, entre os decênios de 1790 e 1810. A concretização desses projetos iniciou-se antes da transferência da Família Real portuguesa para o Brasil. Após essa transferência, foi mantida a política oficial de criar aulas para a formação de práticos da medicina, ou seja, os cirurgiões.⁴¹

Em um contexto marcado pelas deficiências na assistência médica, a população da colônia recorria aos auxílios de praticantes da medicina popular, tais como os barbeiros, sangradores e curandeiros.⁴² Em virtude das mencionadas deficiências, os manuais de medicina popular eram comercializados em larga escala no Brasil oitocentista.⁴³

A demanda por profissionais da medicina no Brasil ocasionou, em 1790, a criação da Aula de Anatomia e Cirurgia da Santa Casa do Rio de Janeiro. No princípio do século XIX, foram também implantadas aulas em Salvador (1799), São Paulo (1803), Cuiabá (1816) e Pernambuco (1820). Essas aulas, portanto, formavam os práticos da medicina.⁴⁴ Esses profissionais desenvolviam a *medicina empírica*. Nesse sentido, eles aprendiam o seu ofício por meio da atuação nos hospitais. As mudanças na formação dos cirurgiões no Brasil ocorreram na

⁴⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Barbeiros e cirurgiões: a atuação dos práticos ao longo do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 277-291, 1999.

⁴¹ JESUS, Nauk Maria de. Aulas de cirurgia no centro da América do Sul (1808-1816). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 11, n. 1, p. 93-106, 2004.

⁴² PIMENTA, Tânia. Barbeiros, sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

⁴³ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003. p. 63.

⁴⁴ SANTOS FILHO, Lycurgo. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Edusp, 1991. p. 27.

segunda metade do século XIX.⁴⁵ Contudo, a implantação das primeiras faculdades de Medicina no Brasil, localizadas no Rio de Janeiro e em Salvador, ocorrera em 1832, na época dos governos regenciais.⁴⁶

Esse longo percurso para a institucionalização do ensino da medicina foi também peculiar a Portugal. Na época em que José dos Santos obteve sua habilitação para atuar como cirurgião, no fim da década de 1810, o Governo português ainda não criara as Escolas Régias de Cirurgia de Lisboa e do Porto. Essas instituições foram implantadas apenas em 1825. As Escolas Médico-Cirúrgicas de Portugal foram criadas, por sua vez, em 1836. A inauguração, por fim, das Faculdades de Medicina de Lisboa e do Porto ocorreu somente em 1911.⁴⁷ José dos Santos aprendeu o seu ofício de cirurgião por meio de aulas práticas ministradas em hospitais. O Hospital Militar da Cordoaria, por exemplo, era um dos estabelecimentos nos quais os futuros cirurgiões aprendiam as técnicas de sua profissão.⁴⁸

Nesse quadro, o estudo das reminiscências que o citado Antônio Vieira dos Santos elaborou sobre a trajetória de seu irmão João no Brasil concentra indícios de que, na vila de Paranaguá ao sul da Capitania de São Paulo, no limiar do século XIX, os habitantes ansiavam pelo auxílio dos cirurgiões. Para tanto, eles se quotizavam para conceder benefícios pecuniários a esses profissionais, de maneira a tornar atrativa a permanência deles nessas sociedades do interior das capitanias.⁴⁹

⁴⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 144.

⁴⁶ EDLER, Flávio Coelho. **A Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 154.

⁴⁷ FIOLHAIS, Carlos; MARTINS, Décio. **Breve história da ciência em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2011. p. 87-88.

⁴⁸ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 157.

⁴⁹ No decorrer do ano de 1806, Antônio Vieira dos Santos destacou, em suas reminiscências, que começara, naquela ocasião, a despendar regularmente uma quantia em dinheiro para retribuir os préstimos do cirurgião José Batista Vieira Ramalho. Antônio dos Santos realizou esses pagamentos até o momento em que se mudou para a freguesia de Morretes. Leia-se, pois, o seguinte excerto do primeiro volume da obra memorialística de Antônio dos Santos: “Em 20 de 8^{bro} de 1805 Dom^o me assinei em hum papel de partido que os moradores da Vila de Paranaguá fizeram ao cirurgião da mesma o Alferes João Batista Vieira Ramalho em que me obriguei a pagar 4 mil reis anualmente e paguei os seguintes 1806 – 1807 – 1808 – 1809 – 1810 – 1811 – 1812 – e 1815 a saber que em 1812 e 1813 estive na Vila de Cor^a e desde 1816 por diante estive morando nos Morretes e por isso cessou esta obrigação”. VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 8.

Em suma, a falta de profissionais da medicina no Brasil, mesmo aqueles que possuíam apenas a formação básica em cirurgia, era um problema com o qual as autoridades portuguesas defrontaram-se nas primeiras décadas do século XIX. Ao que tudo indica, tal lacuna resultou em oportunidade para José dos Santos exercer, em distintas ocasiões, o seu ofício no Brasil.

Os pais de José dos Santos matricularam-no em uma escola de primeiras letras que o seu irmão João dos Santos havia frequentado. Cabe ressaltar, pois, que a formação escolar foi operacional para os irmãos Vieira dos Santos, inclusive o referido Antônio dos Santos, conquistarem oportunidades econômicas e sociais. Em suas reminiscências, esse imigrante informou que estudou em três escolas de primeiras letras, de 1789 a 1797.⁵⁰ Nesse sentido, a sua permanência em um estabelecimento de ensino, iniciada aos 5 anos de idade, foi encerrada em virtude da sua transferência para o Brasil. Em suma, a oportunidade de obter formação educacional elementar permitiu aos irmãos Antônio e João empregarem-se como caixeiros em Paranaguá.

Conforme salientado por Antônio Vieira dos Santos, o ingresso de José dos Santos em uma escola ocorreu quando este seu irmão encontrava-se na idade de 7 anos. Antônio Vieira dos Santos buscou destacar que essa escola era uma das mais renomadas da cidade do Porto. Ali, José dos Santos também pôde obter a formação em música. Mais precisamente, foi instruído em uma técnica de leitura de notas musicais denominada de solfejo:

Em 1802 entrou meu Mano para a Escola das primeiras letras em idade de 7 anos. Na mesma em que o Mano João andou que é uma das melhores da Cidade. Em 1808 no mês de Fevereiro principiou o Mano José a aprender a Arte da Solfa em música das 7 para as 8 horas da manhã; as 9 horas ia para a Escola, as 3 horas da tarde uma a casa de outro Mestre aprender a tocar Órgão indo todos os Domingos e dias Santos cantar a Missa na Sé (por nota da carta de 20 de Julho de 1808) em cujas Artes estudou perto de 2 anos ate 1810 segundo consta da Carta de 10 de Maio do mesmo ano.⁵¹

Em 1810, aos 14 anos, José dos Santos iniciou o seu aprendizado de cirurgia na cidade do Porto. Anteriormente à implantação da Escola Médico-Cirúrgica do

⁵⁰ Ibidem. p. 101.

⁵¹ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 141.

Porto, já existiam nessa cidade aulas de cirurgia.⁵² Esse aprendizado estendeu-se até o ano de 1815, quando ele estava na idade de 19 anos. A partir das informações fornecidas por Antônio dos Santos, nota-se que era necessária a realização de diferentes exames para a conquista da habilitação de cirurgião:

Em 22 de Outubro de 1810 entrou meu Mano José na Aula Cirúrgica para aprender esta mesma Arte por noticia da Carta de 3 de Junho de 1811. Em Janeiro de 1811 fez meu Mano José o seu primeiro exame de Osteologia. Em Julho ou Agosto de 1811 fez meu Mano José o 2º exame de Anatomia ou Fisiologia que trata de todo o corpo humano ou de Carcologia Queria também por este tempo aprender a língua Francesa, Órgão e Guitarra; não sei se com efeito aprendeu tudo isto ou não. Em Março de 1814 me disse o Mano José que ia disfrutando o 4º e ultimo ano o qual finalizava para Abril pelos Estudos e pelo tempo em Outubro e pretendeu em 1813 fazer Exame de Sangria porem o não executou por lhe correr tudo a avessas. Em 10 de Março de 1815 fez meu Mano José o 3º exame de Sangria do qual ficou aprovado.⁵³

Os cursos de cirurgia não eram financiados pelo Governo português. Os pais dos estudantes, portanto, tinham de despender seus recursos para que estes tivessem a condição de frequentar aulas e prestar exames. Antônio dos Santos mencionou alguns dos valores que Jerônimo Vieira empregou para manter o seu filho matriculado no primeiro ano da Aula de Cirurgia: “Na Entrada da Aula de Cirurgia deu meu Pai 9\$600 réis acabado o 1º exame outros 9\$600 réis = e 1 Estojo que custou 4\$800 reis”.⁵⁴ José dos Santos concluiu o curso de cirurgia em junho de 1815. No mês seguinte, conseguiu empregar-se como cirurgião do bergantim *Navegante Feliz*. Nessa condição, realizou sua primeira viagem ao Brasil. No mencionado ano, tal embarcação aportou na cidade baiana de Salvador.⁵⁵

José dos Santos realizou, até o ano de 1822, outras cinco viagens à Bahia, na qualidade de cirurgião. Nesse quadro, compete dedicar especial atenção à segunda viagem, realizada em 1817. Nessa ocasião, ele exerceu o seu ofício em uma vila do interior daquela capitania, a saber, Santo Amaro. José dos Santos recebeu um convite para fixar-se nessa vila. Ao mesmo tempo, ele foi requisitado para atender a uma das principais autoridades da vila, a qual possuía a patente de Sargento-Mor

⁵² RIBEIRO, José Silvestre. **Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal**. Tomo 2. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1872. p. 81.

⁵³ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 141.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Ibidem. p. 143.

da Companhia de Milícias do município. Desse modo, aos 21 anos de idade, o cirurgião José dos Santos conquistara a oportunidade de enraizar-se em uma vila brasileira, na qual mantinha relações com membros da elite social:

[Em 1817] Foi a Vila de Santo Amaro da Purificação levar umas encomendas e esteve morando em casa de José Maria da Fonseca que lhe servia de Pai; seus Manos e primos deles todos amigos de meu Mano. Ali o Cirurgião daquela Vila Manoel Joaquim o persuadiu para que ficasse a fim de curar em lugar de ele; ou para quando um existisse na Vila outro fosse ao chamado para fora. Foi o Mano José chamado a Vila de S. Francisco curar a May do Sargento Mor da mesma Vila onde se demorou 1 dia.⁵⁶

De fato, José dos Santos atendeu ao referido convite e permaneceu em Santo Amaro entre os anos de 1817 a 1822.⁵⁷ As informações apresentadas por Antônio Vieira dos Santos demonstram a demanda pelos serviços de José dos Santos naquela vila e também os laços sociais que ali constituiu. Todavia, depois dessa estada ele não voltou a exercer o seu ofício em Santo Amaro. Por outro lado o exercício da cirurgia gerou efetiva oportunidade para José dos Santos enraizar-se em uma vila brasileira.

Em 1820, em um contexto no qual realizava seguidas viagens à Bahia, José dos Santos enviou ao seu pai uma quantia de dinheiro para auxiliar o custeio do curso de cirurgia de um irmão, Francisco. Por meio da leitura das informações de Antônio dos Santos, verifica-se que o plano da família Vieira dos Santos era encaminhar Francisco Vieira para estudar cirurgia em Lisboa.

Ao mesmo tempo, para consolidar o treinamento de Francisco Vieira na prática da cirurgia, José dos Santos levou-o consigo em viagem à Bahia, em 1821. Segundo Antônio dos Santos, “José mandou logo dar a meu Pai 50\$ mil réis para ajudar no exame do Mano Francisco e aprontação deste para Lisboa o qual com efeito veio em companhia de meu Mano para a Bahia no Navio o Conde de Palma”.⁵⁸ As informações citadas evidenciam que o ingresso na profissão de cirurgião, no Portugal do início do século XIX, exigia um investimento pecuniário. Assim, dois membros da família Vieira dos Santos – o patriarca Jerônimo e seu filho

⁵⁶ Ibidem. p. 144.

⁵⁷ Ibidem. p. 145.

⁵⁸ Ibidem. p. 147.

Antônio – mobilizavam-se para financiar a formação de um de seus integrantes, o jovem Francisco, naquele ofício.

Francisco fora matriculado em curso de cirurgia aos 17 anos, visto que nascera em 1804.⁵⁹ José dos Santos, portanto, auxiliou o seu irmão a se estabelecer como cirurgião no Brasil. Durante a sua estada no Brasil, ele permaneceu durante cerca de 3 meses a atuar na Capitania da Bahia. José dos Santos garantiria a seu irmão a oportunidade de exercer o ofício em uma localidade na qual ele, José dos Santos, já adquirira o reconhecimento pelos seus préstimos de cirurgião.

Dessa forma, o excerto das *Memórias dos sucessos* transcrito a seguir evidencia que Francisco Batista tivera o apoio familiar para realizar seus estudos e conquistar um espaço na atividade cirurgião. Tal apoio parece ter funcionado, pois, como uma estratégia que permitia aos jovens portugueses se desvincularem das limitações impostas pelas suas origens sociais. O seguinte excerto do texto de Antônio dos Santos é referente a episódios ocorridos no ano de 1821:

Em 10 de Novembro de 1821 saiu o Mano Francisco da Cidade do Porto por terra para Lisboa em companhia de hum Almocreve para vir em companhia do Mano José para a Bahia; e chegou a Lisboa no dia 15. Em 29 de Novembro de 1821 saiu meu Mano de Lisboa para a cidade da Bahia onde entrou 3 de Junho de 1822 com 61 dias de viagem. Em 28 de Junho de 1822 foi da Cidade da Bahia para a Vila de Santo Amaro, onde estive ate 5 de Abril que foi para Vila de São Francisco e no dia 6 de Abril foi para a Cidade da Bahia e na qual se demorou 87 dias.⁶⁰

De outra parte, é importante assinalar que fatores políticos interromperam a permanência de José dos Santos na sociedade da Bahia, no início dos anos 1820. Tal impedimento também inviabilizou a carreira de Francisco Batista como cirurgião no Nordeste brasileiro. Contudo, a carreira desse indivíduo foi lacônica em virtude de seu precoce desaparecimento – ele faleceu em 1827, em Portugal.⁶¹

A última viagem de José dos Santos à Bahia foi realizada em julho de 1822. Após a Independência do Brasil, eclodiram conflitos políticos entre brasileiros e portugueses naquela capitania. Conforme Kátia Mattoso, “[...] muitos portugueses voltaram ao seu país para fugir das hostilidades dos brasileiros, não tendo nunca

⁵⁹ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. Op. Cit., p. 73.

⁶⁰ Ibidem. p. 157.

⁶¹ Ibidem. p. 158.

mais voltado a integrar a vida social e econômica da região”.⁶² O afastamento de José dos Santos da Bahia ocorreu em um contexto político adverso para os portugueses ali radicados. Portanto, um evento político contribuiu para findar as oportunidades desse cirurgião português no Brasil.

Considerações finais

Por meio do estudo dos percursos sociais analisados neste artigo, verifica-se que a iniciativa de migrar para o Brasil, no contexto do fim do século XVIII e início do século XIX, nem sempre de dava a esmo. Antes, requeria uma preparação prévia. Um dos elementos dessa preparação era a obtenção de uma formação educacional. Apesar de ser limitada ao aprendizado dos rudimentos da escrita e do cálculo, essa formação permitiu aos jovens imigrantes, estudados na primeira parte desse artigo, conquistar o emprego de caixeiro no Brasil. O patriarca da família Vieira dos Santos, o qual não pertencia à elite social portuguesa, patrocinou o ingresso dos seus filhos em escolas de primeiras letras. Ele também apoiou a admissão de alguns seus descendentes em cursos que habilitavam para o exercício de uma ocupação profissional, qual seja, a prática da cirurgia.

Como se demonstrou, a integração dos membros da família Vieira dos Santos em Paranaguá foi viabilizada por meio do apoio concedido por compatriotas que estavam enraizados na vida comercial daquela localidade. Tratava-se de um processo marcado pelas seguintes etapas: o treinamento na vida comercial por meio do exercício do ofício de caixeiro, o casamento com a filha ou sobrinha desse comerciante e a obtenção da prerrogativa de exercer cargos na administração municipal.

De outra parte, as obrigações econômicas às quais jovens portugueses como Antônio e João dos Santos estavam sujeitos impediram que eles obtivessem a riqueza e o prestígio social dos seus compatriotas que atuavam como comerciantes no Brasil. Similarmente ao caso de seu irmão Antônio dos Santos, João dos Santos se enquadrava na posição de pequeno negociante que permaneceu, durante anos, economicamente dependente dos membros do grupo de controladores locais do

⁶² MATTOSO, Kátia. **Bahia, século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 51.

mercado de crédito. Entretanto, existiam ocasiões nas quais as dívidas ocasionavam o desenraizamento do imigrante da sociedade na qual fora acolhido pelos seus compatriotas.

A migração para outras vilas brasileiras foi peculiar à trajetória de João dos Santos, nos anos 1810, como buscou-se demonstrar. Ainda, é importante lembrar que uma consequência dessas adversidades econômicas foi o rompimento de relações familiares – o mencionado imigrante, por exemplo, afastou-se de forma definitiva de sua esposa e filho com o intuito de atuar como comerciante na Capitania do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, foram severos os impactos da dependência econômica na qual João dos Santos recaiu na década de 1810. Para escapar dessa dependência, restava sair da sociedade na qual fora recebido por compatriotas. Por conseguinte, essa saída implicava recomeçar a vida profissional por meio da aceitação de uma condição mais subalterna. Aceitar retroagir momentaneamente na sua posição profissional foi uma saída para este imigrante preso a pesadas obrigações econômicas.

De outra parte, encontra-se o caso de José dos Santos. A formação educacional também foi essencial para que esse indivíduo conseguisse exercer uma profissão de modo estável. Mais precisamente, o exercício do ofício de cirurgião gerou a ele distintas oportunidades, dentre as quais o convite para desempenhar seu ofício no Brasil. Em síntese, a formação educacional permitiu que ele não precisasse exercer multifacetadas ocupações econômicas, situação que fora peculiar à trajetória de seu pai, Jerônimo. Assim, João dos Santos realizou, com a idade de 26 anos, uma derradeira viagem a Salvador, na Capitania da Bahia. Nessa ocasião, esse jovem cirurgião já detinha o prestígio profissional que lhe propiciou o convívio com integrantes de elite local.

Em síntese, os percursos dos irmãos Santos evidenciam que eram diversificadas as estratégias sociais e econômicas dos portugueses que não pertenciam a uma elite de herdeiros. Aos membros dessa família que permaneceram no país de origem, a continuidade dos estudos era uma forma de libertar-se dos constrangimentos econômicos inerentes à sua parentela. Nesse quadro, o patriarca Jerônimo Vieira dos Santos realizou o financiamento de

estudos que não se circunscreviam ao aprendizado dos rudimentos da escrita e do cálculo. Ao contrário, tais estudos permitiam a conquista de qualificação profissional – o ofício de cirurgião.

Aos membros dessa família que se transferiram para a vila de Paranaguá, competia estabelecer vínculos com os seus compatriotas e membros das elites locais. Esses vínculos eram fulcrais para a consolidação do imigrante no interior da elite social das vilas coloniais. Ao mesmo tempo, essas relações eram operacionais para que eles pudessem retomar a atuação como comerciante autônomo após vivenciarem, por exemplo, uma falência comercial. Contudo, uma etapa anterior a essa retomada consistia no exercício de funções profissionais mais subalternas, notadamente o ofício de caixeiro.

Referências bibliográficas

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski. **Tendo o sol por testemunha: população portuguesa na Baía de Paranaguá (c. 1750-1830)**. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski; GOMES, Sandro Aramis Richter. **Antônio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

BOXER, Charles. **A Idade do Ouro do Brasil: dores do crescimento de uma sociedade colonial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

COSTA, Samuel Guimarães da. **O último capitão-mor (1782-1857)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1988.

EDLER, Flávio Coelho. **A Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Barbeiros e cirurgiões: a atuação dos práticos ao longo do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 277-291, 1999.

FIOLHAIS, Carlos; MARTINS, Décio. **Breve história da ciência em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2011.

FLORENTINO, Manolo; FRAGOSO, João. **O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

GOMES, Sandro Aramis Richter. **Descentralização e pragmatismo: condições sociais de produção das memórias históricas de Antônio Vieira dos Santos (Morretes e Paranaguá, décadas de 1840-1850)**. Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

GORENSTEIN, Riva; MARTINHO, Lenira. **Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

JESUS, Nauk Maria de. Aulas de cirurgia no centro da América do Sul (1808-1816). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 93-106, 2004.

LEANDRO, José Augusto. **Gentes do grande mar redondo: riqueza e pobreza na Comarca de Paranaguá (1850-1888)**. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MATTOSO, Kátia. **Bahia, século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

OSÓRIO, Helen. Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 99-134, 2000.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; BORGES, Joacir Navarro. Tudo consiste em dívidas, em créditos e em contas: relações de crédito no Brasil colônia; Curitiba na primeira metade do século XVIII. **Revista de História**, São Paulo, n. 162, p. 105-129, 2010.

PIMENTA, Tânia. Barbeiros, sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

RIBEIRO, José Silvestre. **Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal**. Tomo 2. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1872.

SALGADO, Graça (Coord.). **Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTOS FILHO, Lycurgo. **História geral da medicina brasileira**. v. 1. São Paulo: Edusp, 1991.

VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. **Breve resumo das memórias mais notáveis acontecidas de 1797 até 1827** [Manuscrito].

VIEIRA DOS SANTOS, Antônio. **Memórias dos Sucessos mais notáveis acontecidos desde o ano de 1838** [Manuscrito].

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua General Carneiro, 460. Prédio D. Pedro I, 7^º andar, sala 719.
Centro, Curitiba – PR, Brasil. CEP: 80060-150.